

# RELIGIÃO E PÁTRIA.

PÉRIODICO RELIGIOSO, POLÍTICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 24

QUINTÁ FEIRA 9 DE ABRIL DE 1863

1.ª SERIE.

GUIMARÃES 8 DE ABRIL.

« *Jesus christo reaccionario?*!  
« *Quem escreveu isto em face*  
« *do seculo desenove?* !

(*Vimaranense* de 31 de Março).

Escrevemol-o nós e não nos arrependemos d'isso; escrevemol-o nós e continuámos ainda escrevendo-o, se não mais convencidos, pelo menos mais autorisados para os que nos lêem, pelo odio com que vós o impugnaes — é uma prova que nos poderia agora dispensar de muitas outras e valer-nos bem pela melhor e pela mais segura confirmação do que escrevemos.

Sim, J. C. foi, é, e será reaccionario em quanto que houver necessidade de combater o mal e de reprimir a acção de Satanaz, do qual, vós, seides da revolução, vos tendes feito miseraveis instrumentos. Reaccionario!

Esta palavra applicada ao Divino Salvador espanta-vos, e esse espanto a não ser uma refinada malicia, uma hypocrisia, uma torpeza ou uma perversidade do juizo e da consciencia, então é uma desgraça inexplicavel da qual mui sinceramente nos condoemos. Perseguido e contrariado desde o seu nascimento, o Christianismo vive e viverá cheio de esplendor e de força porque é essencialmente reaccionario, isto é, essencialmente anti-revolucionario, porque a palavra — *reacção* — significa para nós opposição do movimento revolucionario. O Christianismo reagiu na Pessoa de seu divino Fundador contra o genio do mal que avassalava o mundo; reagiu depois em milhões de seus filhos que morreram porque recusaram prostituir-se á idolatria dos tyrannos e negar a Deus o que é de Deus; reagiu contra todas as dissoluções pagãs — contra todas as crueldades; contra todas as desassidões, contra todos os instinctos ferozes ou perversos, contra a escravidão, contra o infanticidio, contra o despotismo execravel dos

Neros e dos Caligulas, contra todas as desordens do espirito humano abatido e deshonrado, e reagiu de tal sorte que conseguiu entrar nos usos, nos costumes, nas instituições e na legislação de todos os povos, e assentar-se vencedor no throno dos Cesares; reagiu contra o ferro, contra o fogo, contra a barbaia, contra o scisma, contra a reforma, e contra a philosophia, reagiu contra o epigramma, contra a politica, contra a hypocrisia e contra o fanatismo de todos os sectarios, reagiu e reage ainda naquellas memoraveis palavras: *Non possumus* — preferidas pelo soberano Pontifice Pio IX contra a acção revolucionaria que se cança por despojar-o de sua realeza e de sua suprema auctoridade. E, cousa notavel! — Quando no mundo não ha nada que seja fixo e estavel, quando passando os reis e as idéas, quando tudo se desloca e desaparece na rapida voragem do tempo; quando a sociedade, segundo o testemunho de um sabido publicista, muda dez vezes de face entre o berço e o tumulo de um mortal, o Christianismo permanece apesar das temozas perseguições que em todos os tempos, e hoje talvez mais que nunca, têm pretendido derrabal-o!

Na verdade, já é preciso que elle seja bem reaccionario para se sustentar em pé no meio das furiosas revoluções que successivamente o vão perseguindo e caindo em volta d'elle, e sepultando-se no passado ao lado de Voltaire e da Encyclopedia!

Mas o Christianismo é a prolongação de J. C. em seus membros; é a vida e a acção de J. C. em sua Igreja; dizer pois que o Christianismo, o Catholicismo ou a Igreja, que val o mesmo, é reaccionaria, é tanto dizer que J. C. é reaccionario, pois que J. C. vive, reage e hade reagir com ella até á consummação dos seculos, contra o espirito do mal que se arroja constantemente contra ella para se constantemente repellido e para dar constantemente ao mundo o magifico espectáculo da divina força de uma e da furiosa impotencia de outro.

E bella a immobildade do rochedo contra o qual do balde vão quebrar-se as vagas espumantes de um mar tempestuoso.

Está visto que foi pela reacção do bem contra o mal que J. C. regenerou a humanidade, e é ainda por esta reacção que Elle salva a sociedade com sua civilisação, seu progresso, sua dignidade e seu engrandecimento.

J. C. é pois n'este sentido o grande reaccionario, o augusto, o soberano, o divino reaccionario.

Mas vós; espumando furias e rancores, viestes á rua para impugnar esta verdade; e vai senão quando concordaes comnosco, muito contra o vosso plano, naquella parte do vosso artigo em que dizeis que J. C. «veio evangelisar uma doutrina nova».

Sem duvida, aqui a verdade cahiu por descuido dos bicos de vossa penna: A doutrina de J. C. era nova; absolutamente nova e desconhecida para o mundo; mas esquecestes-vos de uma circumstancia que muito prejudica o vosso abominavel systema de propagar o erro e de combater por todos os modos e á custa de tudo a reacção catholica (porque é d'esta que se trata e não d'aquella que calumniosa e impudentissimamente fugis combater no vosso artigo de 30 de Março).

J. C. veio evangelisar uma doutrina nova, dizeis vós; e como é que essa doutrina pode atravessar 18 seculos de perseguições, desde J. C. que foi crucificado por causa d'ella, desde Tacito que lhe chamava *superstição execravel*; até aos modernos reformadores que dizem que o fim d'elles é o de Voltaire e o da revolução franceza; que querem a aniquilação para sempre do catholicismo e mesmo da idéa christã, e que está decido nos seus conselhos que não querem christãos? —

Como é, diziamos nós, que essa doutrina assim perseguida em todos os tempos vive ainda sobre as ruinas de tantas doutrinas pulverisadas, sobre tantos systemas sepultados na noite do passado, sobre tantas

## FOLHETIM.

### CONFERENCIAS RELIGIOSAS

RECITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863

1.ª CONFERENCIA.

(Continuação do n.º antecedente.)

Srs.! Antes de demonstrar como a sciencia está encadeada com o mysterio, é preciso dizer o que significa esta palavra — *mysterio* —. Na nossa lingua não ha palavra, que tenha soffrido interpretações tão radicalmente falsas e tão grosseiramente injustas.

Srs.! é curioso, e mais triste ainda do que curioso ouvir as definições, que a sciencia anti-christã dá dos nossos mysterios. Escutai. Admitti, ensina ella, que tres são um, ou que um é tres, e, em despeito da arithmetica, ahí tendes o mysterio da Trindade. Admitti que a divindade se aniquilou na humanidade, ou que a divina natureza se vem confundir n'um mesmo ser com a natureza humana, e aqui tendes, em despeito de toda a philosophia, o mysterio da Incarnação. Admitti que todos nós antes de nascermos peccamos

pela vontade d'outrem e que nascemos naturalmente corruptos e devotados a um fogo eterno por um crime, que não podemos commetter, e eis, em despeito da moral e do bom senso, o mysterio do peccado original. Admitti que o ser se faz de nada, ou que o nada se torna alguma cousa, e aqui está, em despeito de toda a logica e de toda a metaphisica, o mysterio da criação.

E' d'esta arte que o anti-christianismo desfigura os nossos mysterios. Muda-lhes os termos, as relações e a essencia; cria segundo as inspirações da sua fantasia o absurdo e a contradicção; e diz ás intelligencias illudidas: vós bem o vedes, o mysterio é a negação do senso commum, a sciencia repelle-o, condemna-o, e lança-lhe o — *anathema* — Ah! tendes razão; se o mysterio christão é o que vós proclamades, é misterio anathematico em nome da sciencia. Nada mais anathematico á sciencia do que o absurdo e o contradicção. Mas, ó gloria da verdade!, não é este em verdade o mysterio no Christianismo. Se assim fóra, ficar-vos-hia a explicação do mais inexplicavel de todos os mysterios: como é possível que, depois de perto de dois mil annos, tantos genios superiores, e tão raras intelligencias hajam abraçado os nossos mysterios sem por isso se julgarem obrigados a repudiar a sciencia e a abdicar a razão?

Orgulhaes-vos de fallar da sciencia moderna, do espirito moderno, do genio moderno, e todavia, srs.! antes do seculo XIX tem havido myriades de sabios.

Se os nossos mysterios são tão manifestamente absurdos e contradictorios, qual a razão porque tão vastos genios não duvidaram d'elles? Evidentemente aqui, como sobre outros muitos pontos, ha entre a doutrina christã e a sciencia anti-christã o quer que é de sophistico e de erroneo; existe algum desgraçado prejuizo, e este prejuizo e esta falsidade não podem desfazer-se senão em presença de uma verdadeira definição do mysterio.

O que é o mysterio? Será uma cousa impossivel? Não. Uma cousa contradictoria? Não. Uma cousa opposta á razão? Não. Uma cousa inintelligivel? Não. Uma cousa, que se cre sem se saber a razão porque se cre? Não. Srs.! mil vezes não: não é a isto o que eu chamo mysterio. O mysterio, notai-o bem, é uma verdade. Mas ha duas ordens de verdades profundamente distinctas e de igual certeza. Ha a verdade visivel — quer dizer — a verdade que descobris em si mesma, e em seu raio directo — e ha tambem a verdade invisivel — quer dizer — a verdade, que não podeis ver em si mesma e que não descobris senão no seu raio reflectido. Ha a verdade, que se vê na evidencia, que a manifesta, e ha a verdade, que se conhece pelo testemunho, que a affirma. Ha a verdade, que se descobre na superficie, e ha a verdade que está occulta no fundo das cousas. Em duas palavras, ha a verdade phenomenal e a verdade substancial. Quem não reconhecer estes dois imperios da verdade renuncia to'ha a philosophia e abdica o senso commum.

philosophias mortas com seus auctores? como é que vive essa doutrina sempre combatida, sempre adversaria das paixões humanas, sempre firme diante d'ellas e sem as affagar jamais n'um só minimo ponto? como é que vive essa doutrina se não é defendida por uma reacção divina e permanente contra o genio do mal?

J. C. é pois o grande, o supremo reaccionario, porque Elle «veio evangelisar uma doutrina nova» e a Igreja é a depositaria d'essa doutrina, e Elle prometeu estar com a sua Igreja todos os dias até á consumação dos seculos.

Mas em vista do que trazemos exposto, o artigo do *Vimaranense* não é só um aggregado de proposições absurdas, ineptas e calumniosas, é de mais a mais uma blasfemia.

Elle nega formalmente que J. C. seja reaccionario, e reaccionario como lhe chamam os padres da *Religião e Patria*, e esta negação envolve esta outra, impia e detestavel — a negação do proprio J. C. porque Elle não «existiria como existe, se não fosse reaccionario como lhe chamam os padres da *Religião e Patria*».

Para não cansarmos os leitores com o exame do tal artigo anti-reaccionario, paragrapho por paragrapho, fallaremos de passagem acerca d'aquelle periodo que diz: «A doutrina de J. C. não nasceu pela reacção de millos seculos de crimes e torpesas, mas «brotou espontanea como um raio de misericordia infinita para salvar o mundo».

Por certo, aqui ha uma grande confusão de idéas e um chocalhar de palavras com as quaes, o proprio articulista se não entende.

Não sabemos o que quer dizer aquella *reacção de millos seculos de crimes e torpesas*, o que sabemos é que a doutrina de J. C. nasceu, viveu e ha-de viver pela reacção de todas as virtudes e de todos os heroismos, contra a acção dos crimes e das torpesas de todos os seculos.

Tambem não sabemos como é que essa doutrina *brotou espontanea*. Esta theologia é novissima.

Pois essa doutrina que teve no seu principio de vencer inumeros estorvos, como tem ainda agora, e como teve sempre, é lá possível que tivesse *brotado espontanea*? acaso quererá dizer o articulista que essa doutrina foi um resultado natural do nosso aperfeiçoamento? acaso quererá excluir a influencia sobrenatural e divina, pela qual, esta doutrina se sustenta no meio das contradicções do mundo? ou quererá dizer que essa doutrina sahiu dos labios do divino Salvador por que Elle assim o quiz e por que muito nos amou? Neste ultimo caso diz a verdade, mas as palavras — *brotou espontanea* — parecem-nos equivocas, mormente n'estes tempos em que os *italianissimos e humanitarios* senhores do *Vimaranense* se esforçam por apartar de seu *progresso* e de sua *perfectibilidade* todo o elemento divino e toda a idéa religiosa.

Emfim digamos em abono da verdade:

Ora, snrs. ! o mysterio é uma verdade que pertence á segunda ordem das verdades, que assignamos: é uma verdade *occulta*, mas uma verdade certissima, e manifestada por um testemunho irrecusavel, mas que na propria luz, que revella a sua certeza, fica para nós invisível e incognita na sua essencia intima.

Ora, uma verdade pôde estar occulta no infinito de Deus, ou no finito da criação e da natureza humana. Eis a razão porque ha mysterios de Deus, mysterios do mundo e mysterios do homem.

Aqui tendes a noção verdadeira do mysterio.

Eu pergunto agora, snrs. ! á vossa razão imparcial: o que ha no mysterio assim definido que repugne á sciencia? Se n'este mundo visível houvera forças invisíveis, que se manifestassem aos nossos olhos no brilho dos phenomenos, ficando todavia incompreensíveis para vós, ensaiaríeis por ventura apaukar a natureza em flagrante defecto de contradicção em nome da sciencia? Apoiando sobre o invisível uma negação insensata haviéis de negar na presença do effecto, que se mostra, a existencia da causa, que se occulta? Não snrs. ! não: no esplendor do facto, que traduz a verdade da causa vós exclaimaríeis, aqui não ha cousa impossível nem absurda; não ha senão um mysterio do mundo.

Se vos fosse demonstrado que no mais ínfimo do vosso ser existe uma força, cuja acção sentis sem lhe poder sondar o fundo; uma força, que escapa ás vossas investigações, mas que vos impõe o invencível tes-

Os escrevedores do *Vimaranense*, apesar de suas doudices, começam agora a ser mais perigosos do que nunca, por que começam a ser hypocritas: quando elles insultavam os Pontifices e a igreja, quando exaltavam aquelles que se faziam seus perseguidores, quando se declaravam pelo progresso de Garibaldi, de Mazzini e da magonaria, isto é, pelo progresso do punhal, do veneno, do incendio, da violencia e do exterminio, quando lhes sahia da penna um progresso destruidor, mentiroso e disparatado, então todo o mundo podia conhecê-los; mas agora que se fingem catholicos para seduzir as almas simples e ingenuas, agora que se fingem incendiados em santo amor por J. C. e que se atrevem a oppo-lo á reacção para o entregarem manietado á hydra revolucionaria, é agora que os seus escriptos são sobretudo detestaveis e perigosos para qualquer que não saiba descobrir o máo espirito que os a.sopra, e o absurdo que os annulla, é agora que elles apresentam um signal de corrupção e de perversidade tal, que não sabemos porque violento esforço deverá passar uma consciencia para chegar á elle, nem *comprehendemos como o interesse e a abjecção pôde actuar assim na consciencia de um ou de millos homens*.

### O MONUMENTO, A CAMARA MUNICIPAL E O VIMARANENSE

*Esta regra de pedir escripturas, que abonem e qualifiquem a verdade das tradições e factos antigos, teve a sua origem e principio em os inimigos da nossa Religião Catholica, que se serviram d'esta imprudente maxima para desprezarem tudo, o que não consta por escriptura.*

(Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal e suas conquistas na India oriental, escriptas por D. Thomaz Caetano de Bem — tomo 1.º — Ao Leitor —)

Depois de alguns dias passados em laboriosas e afflictas locubrações, veio finalmente á luz publica a «fallada» impugnação ao nosso artigo de 25 de Março, no qual emittimos a nossa opinião, não dizemos bem, no qual expozemos a opinião da maioria da população d'esta cidade sobre a vandálica remoção do monumento erecto no largo de S. Lazaro.

«Foi larga a incubação» e devera ser lucidissimo aquelle parto, que nós com tanto anseio esperavamos, como foco de luz, que havia de irradiar seus esplendores «pelas trevas d'este pagode de ignorancia».

timunho da sua energia, vireis vós acaso em nome da sciencia declarar o homem um absurdo vivo, porque vos apparece como um vivo mysterio?

E se eu vos dissera, apoiado sobre este facto intimo: admittis em vós uma força, que vos move, sem a poder conhecer nem investigar; sois por isto absurdos, e contradictorios; vós não sois scientificos!! Ah! Eu bem sei o que me responderíeis; vós me diríeis com alta razão: «n'isto não ha nada de absurdo nem de contradictorio; ha uma força attestada pela luz do phenomeno, mas incompreensível no segredo da sua essencia. E' um mysterio do homem. Ora, se o mysterio pode ter na natureza e no homem a sua razão de ser, reconhecida e consagrada pela sciencia, qual a razão porque o mysterio religioso implica essencialmente o absurdo e o contradictorio? O que é o mysterio religioso? E' a verdade, que se occulta no infinito de Deus e que se nos revela na infallibilidade da Sua palavra. Eu não posso ver esta verdade na sua essencia, nem comprehendê-la no fundo, porque essa essencia é esse fundo é Deus. Mas que importa, se eu posso comprehender esta verdade no testimonho, que m'a affirma e que é o Verbo de Deus? Para que duvidar? Este testimonho, que se torna palpavel exteriormente, garante-me a verdade, que se occulta no interior; para mim é na ordem religiosa o mesmo que é a experiencia na ordem material; é um facto visível, que attesta uma cousa invisível; attesta-me um mysterio de Deus.

O *Vimaranense*, luminaria que se arrogou a fatua pretensão de espalhar luz pelo tal tenebroso «pagode» foi o encarregado de dar publicidade ao feto *lucidissimo*, o qual, a final de contas reduz a impugnação ao seguinte:

O monumento não existia, porque não ha nenhum documento escripto que o atteste. Isto de tradições são «crendices de velhas», «pias fraudes» e «sestro milagreiro do clero interesseiro e inepto». «O vosso respeito aos monumentos é ridiculo» porque os coregos tambem mandaram «rebocar» a igreja da Collegiada, e pintar a pia baptismal de Santa Margarida!!...

*Hucusque!*... E' até aqui, que pôde chegar a pedantesca sciencia do articulista!

Conscio de que não tinha nenhuns astuciosos recursos, que podessem justificar o vandalismo, com character official, que destruiu aquelle glorioso monumento, não se pejou de apresentar um acervo de ineptias e injurias, que a sua má vontade e aversão ás cruzes e a tudo o que tenha algum indício de religiosidade, lhe suggeriu como arraçoado evidentissimo da sua pouco feliz impugnação, e nem ao menos viu, que deixou intacto o principal ponto da questão.

E' ou não é indispensavel a remoção do monumento?

Dizemos que não, e fundamos esta asserção nas ponderosas razões que deixamos apontadas no nosso artigo de 25 de Março, as quaes não reproduzimos nem desenvolvemos aqui, porque ainda não foram rebatidas.

Esta é a questão; este é o ponto que devia ser impugnado; mas o articulista que não viu brecha por onde podesse entrar no reducto, fugiu do campo em que ella podia ser lealmente debatida, e despede-nos lá de longe alguns frouxos tiros, assim a modo de guerrilha traçoero, e pouco ousado.

Pois alli mesmo o havemos de ir bater, para que não venha depois dizer-nos que «vamos batendo em retirada».

E' maxima assentada em boa hermeneutica, e recebida por todos os historiadores, que se «hão deve condemnar ou ter por apocripko e fabuloso tudo quanto além de documentos escriptos «nós consta meramente por tradição», e que «as tradições particulares de algum reino, provincia ou cidade se não devem impugnar sem noticias certas em contrario».

Como se atreve pois o articulista do *Vimaranense* a escrever que não existiu nunca o monumento da tomada de Ceuta?

Onde encontrou uma só passagem dos historiadores, que vá de encontro á tradição contante e nunca interrompida, pela qual nós consta que o cruzeiro erecto no largo de S. Lazaro era o padrão historico da romaria feita pelo sr. D. João I a Santa Maria de Guimarães, depois que voltou da tomada de Ceuta?

Pois não merecerá se historica uma tradição po-

Mas, snrs. ! Deus me livre de insistir mais na demonstração de que o mysterio nada implica de contradictorio com a sciencia! Fôra isto levar muito longe a condescendencia da verdade, e poupar muito a susceptibilidade de erro. Para que demonstrar-vos por abstracções metaphisicas que a sciencia se pode conciliar com o mysterio, quando todas as realidades da criação estão demonstrando brilhantemente que o mysterio se impõe por toda a parte á sciencia? Vós exigis que vos demonstre discretamente que a sciencia pode rigorosamente admittir o mysterio; eu digo-vos affoutamente que a sciencia não pode escapar ao mysterio. O mysterio é a fatalidade da sciencia. Nesta questão não temos outro embaraço senão o de escolher, outra difficuldade senão a de nos limitar.

Primeiramente, contemplai o mundo puramente material desde o mais pequeno dos atomos até ao maior dos soes.

Aqui, se tentaes reunir na trindade de uma mesma lei todos os corpos e todos os seus movimentos; se procuraes a palavra, que explica no vasto panorama do mundo esta harmonia prodigiosa, aonde tudo parece obedecer ao imperio de uma mesma força, pronunciaes uma palavra, que se dá como a reveladora d'esta força, uma palavra que se tornara na sciencia moderna uma palavra illustre, que fizera grande estrondo e que lança jorros de luz! Vós tendes dito: *attracção*... Sim, a *attracção*, o resumo sublime das sciencias dos corpos. Vós dizeis que os corpos se re-

pular, com bons indícios de sua antiguidade, de sua continuação, e sem que haja um só documento escripto que a contradiga?

Mas, diz o *illuminado* autor do artigo, essa tradição «não existia á quatro seculos, nem á tres, nem á dous, nem talvez á um».

Que miseravel ineptia!

Pois que quer dizer a inscripção lavrada n'um dos angulos do padrao, de baixo do qual estava o cruzeiro?

Pois que quer dizer o consenso unanime das gerações passadas, legando ás gerações futuras a asseveração do mesmo facto?

Pois como se explica, que uma camara municipal mandasse inscrever na pedra, que aquelle cruzeiro era um monumento d'uma gloria nacional, se não fosse verdade que a tradição, que assim o asseverava, tinha bons indícios da antiguidade de sua origem, da sua continuação, e de gozar de um consenimento e geral consenso?!

Pois que quer dizer a indignação que causou o vandalismo, que fez levantar mãos sacrilegas para remover, por se julgar indispensavel, aquelle respeitavel monumento?!

Mas a ineptia do articulista officioso cae de todo no ridiculo, quando se disser, que a mesma camara municipal, que mandou remover o cruzeiro, depositaria fiel das tradições da localidade que representa, na sua carta de convite, enviada a diversas corporações e pessoas da terra para assistirem á inauguração dos trabalhos da reconstrução da rua de Entre os Regatos, disse:

«Tendo sua ex.<sup>a</sup> o sr. Governador Civil do districto, approvado o projecto, que esta camara formou de reconstruir a rua d'Entre os Regatos; e tendo manifestado desejo de assistir á inauguração dos respectivos trabalhos, que devem principiar pela indispensavel remoção do glorioso monumento erecto no largo de S. Lazaro. QUE TEM PERPETUADO A MEMORIA DA ENTRADA NESTA CIDADE DE EL-REI D. JOÃO I. DEPOIS DA TOMADA DE CEUTA: DEVENDO AQUELLA RUA DENOMINAR-SE NO FUTURO — RUA DE D. JOÃO I. &c.»

Isto é clarissimo: não admittê contestação. E a camara, que julgou *indispensavel* a remoção, a reconhecer a tradição, e a mandar, como em attenção á mesma, e para continuação do mesmo facto, que no futuro se deve denominar aquella rua — *Rua de D. João I.*

Accresce ainda, por uma miseravel contradicção, o proprio testimonho do *Vimaranense*, que no seu n.<sup>o</sup> 87 escreveu:

«São porém hoje esperados (os srs. Governador civil e Secretario geral) para assistirem tambem á inauguração dos trabalhos da reforma da rua d'Entre os Regatos, que a camara á ultima hora deli-

berou fazer com solemnidade e que devem principiar pela remoção do monumento erecto no largo de S. Lazaro, que tem PERPETUADO A MEMORIA DA ENTRADA DE JOÃO I. nesta cidade DEPOIS DA TOMADA DE CEUTA. Por esta razão parece que d'ora ávante SERA' A NOVA RUA DENOMINADA RUA DE D. JOÃO I.

Este testimonho é insuspeito, e nós aproveitamos-o muito de proposito, porque temos o *Vimaranense* por muito lido n'estas materias, como se vê do artigo que estamos analysando.

E depois vem-nos o articulista dizer, que isto de tradições são *crendices de velhas*, sem se lembrar que, ou ha-de ter por *crendices* o sr. Antonio Alves Carneiro, que assignou a carta de convite, a camara municipal que a autorisou, e o mesmo *Vimaranense*, ou ha de confessar que são todos uns grandes impostores, que andam a espalhar pelo povo tradições falsas para o fanatismo!

Elles que lhe agradeçam.

Mas não admira que o *illuminado* auctor do artigo tenha esta respeitavel tradição como «crendice de velhas», e de nenhum modo digna de se historica, porque pelos modos, parece que elle é dós que o sabio e erudito D. T. Caetano de Bem stigmatiza na passagem, que citámos por epigraphe.

Já não é pois nova esta heremética de *Vimaranense*, e o que seria para admirar, era que, quem escreveu tantos discursos e necedades para vingar a sua causa desesperada, não se servisse tambem d'esta theoria, seguida e applaudida por todas as seitas revolucionarias!

E diga-nos por ultimo o *scipitissimo* auctor do artigo: — que veio fazer á questão a rebocação do templo de Santa Maria da Oliveira, e a remoção e pintura da pia baptismal de Affonso Henriques?!

De dda's uma: ou aquella rebocação e pintura foram obras boas e bem feitas, e então é injustissima a acção obscra que o articulista faz em archeologos do seculo XIX que barraram o templo do seculo XIV, e metteram n'uma parede a pia de Santa Margarida: ou essas obras foram actos de vandalismo e então ha de concordar que uma asneira praticada por uns, não dá a outros direito de a imitar e macaquear.

E quehi disse ao inepto e mentiroso articulista, que foram os reboadores da Collegiada os que disseram que o cruzeiro de S. Lazaro perdeu, na remoção, a sua feição historica e o seu valor como monumento?!

Quem o autorisou a escrever a falsissima insinuação de que NÓS, que dissemos que o monumento de Ceuta, perdeu pelo facto da remoção, a feição e valor historico, julgamos que conserva ainda essa feição e esse valor a pia baptismal de Affonso Henriques. A QUEM TIRAMOS DO SEU LOCAL, E COLLOCAMOS NA COLLEGIADA, mettida n'uma parede etc.

E' até onde pôde chegar a desfaçatez e a sem-vergonha.

Além de ser absolutamente falso que algum dos actuaes conegos da Collegiada tomasse parte activa e directa n'essas obras, todo o mundo sabe que nenhum dos redactores e collaboradores d'este periodico é conego, ou tem alguma parte nas determinações capitulares.

E é d'este modo, e com estas absurdissimas ineptias, calumniosas injurias, e monstruosas falsidades que o «*Vimaranense*» vem *officiosamente* defender o vandalismo official, que levantou o seu camarello destruidor sobre aquelle immorredouro padrao d'uma gloria nacional!

Vergonha!

Nós já tínhamos formado o nosso conceito a respeito da «ciencia de farrapos» do nosso collega da localidade, mas este miseravel caello de bogalhos, com que elle pertendeu dar fóros de razoavel ao vandalico e barbaro facto da remoção do monumento, veio-nos fazer repetir com uma autorisada folha de Lisboa — Ficamos sabendo que existe um «*Vimaranense*» para des-honra das letras em Portugal.»

ANNUNCIOS

Depois de estar no prelo a 4.<sup>a</sup> pagina recebemos os que em seguida publicamos:

JOSE Joaquim de Passos, faz publico, que tem na rua dos Fornos, n.<sup>o</sup> 5, um estabelecimento de padaria de rosas feitas segundo o systema de Braga, e por isso toda a pessoa que quizer alguma coisa do seu estabelecimento pode dirigir-se á mesma casa. (40)

THEATRO DE D. A. H.

COMPANHIA NACIONAL

Hoje 9 de Abril

SEGUNDA RECITA

GABRIEL E LUSBEL

OU

O THAUMATURGO

(VULGO)

SANTO ANTONIO

N. B. Em consequencia de ter que se montar d' machinismo em todos os intervallos dos actos, pede-se ao respeitavel publico toda a indulgencia. Principiará ás 8 horas.

conhecem e se atrahem átravez do espaço; dizeis que se atrahem na proporção da sua massa e na razão inversa do quadrado das distancias: E com effeito até hoje nada tem desmentido, antes tudo tem confirmado esta formula que actualmente reina como soberana no imperio da hypothese e que conquistara a gloria de uma invencivel certeza.

Srs. ! do fundo de minha alma consagro as minhas homenagens scientificas á soberania da attracção. Não pretendo escurecer no mundo dos corpos uma claridade, que brilha até no mundo dos espiritos. Logo o imperio da attracção é palpavel, é soberano, imponente como a evidencia. Sim; mas o que vem a ser a attracção? Quem viu a attracção? quem encontrou a attracção? Como é que estes corpos mudos, sem intelligencia, insensíveis, exercem sem o sabereis uns sobre os outros esta reciprocidade d'acção e de reacção, que os sustenta n'um equilibrio commum e n'um accordo unanime?

Esta força, que attrahe um sol para outro sol, um atomo para outro atomo, e por ventura tem mediador invisivel, que vai de um para o outro? e, n'esta hypothese, o que é este mediador? d'onde lhe vem esta força de mediação e este poder d'attracção, ao qual o sol não escapa mais do que o atomo, nem o atomo mais do que o sol? Ao avesso, esta força não é outra senão os proprios elementos, que se attrahem? Mas então, como é que estes atomos e estes soes, que têm limites traçados pelo dedo de Deus, compem

as suas fronteiras para irem átravez da distancia abraçar outros corpos n'uma especie de abraço fraternal? Misterio! misterio!

Muito bem! e por causa do mysterio haveis de negar á sua realidade, que vos toca, e o seu dominio, que vos subjugua? Vede pois se ousaes negal-a, a esta attracção mysteriosa, e dizer-lhe depois como o philosopho dizia nas torturas do seu soffrimento: ó attracção, tu, não és senão uma palavra! deixa a terra e sobe ao céu!...

Vós sentis sua tyrannia; ella vos aperta e vos captiva; impõe-se-vos sem se vos revelar; ella é para vós evidente e ao mesmo tempo mysteriosa, invisivel e palpavel, obscura e radiosa.

Remontai-vos mais alto; vede a serie dos seres, que a sciencia contempla. Aqui começa o mundo vivo. N'este mundo, se desenvolve uma força, que por toda a parte multiplica os espectaculos da vida, e como uma potencia creadora espalhada pelo universo, faz por toda a parte germinar a planta, desabrochar a flor e amadurecer os fructos. Vós daes á esta força um nome magico pelas maravilhas, que encerra e um nome mysterioso pelos enyguas, de que está creado. E com effeito, que enyguas! Como é possivel que do fundo d'este grão, que se corrompe e que faz da sua casca a sua mortalha, surja este germen, que cresce silenciosamente na terra, e que parece, por um trabalho mysterioso, fazer saber a vida da morte? Como é que d'este germen, sabe esta haste, que se lança átravez da

superficie, que encerra o mysterio, e que, contra as leis da attracção cresce de baixo para cima, da terra para o céu ollando para o sol, e d'este tronco, que sobe, e sobe ainda, estes nós esculpidos com tanta arte e tão sabiamente dispostos para lhe dar a força ao passo que vai crescendo e defendê-la do furacão, que passa e que a faz pender para a terra? Como na extremidade d'esta haste esta flor encantadora, que vem corol-a como a uma rainha e mostra a sua belleza dando-vos o seu perfume? E debaixo d'esta flor, que secca e cabe, porque está o fructo vivo, que se vai tornar a vossa nutrição e a vossa substancia depois de ter sido o vosso encanto e o vosso espectáculo?... A todas estas questões responde uma só palavra: é o milagre da vegetação.

Sim, mas o que é a vegetação? Se não podeis nem ver, nem entender, nem tocar, nem definir a attracção; ser-vos-ha mais facil o ver, o entender, o tocar e o definir a vegetação? Este movimento, que faz caminhar lentamente, mas com segurança, todos estes seres ao seu desenvolvimento, tendel-o ao menos visto? E terdes podido ouvir o estrondo profundo, que elle faz na natureza? Pois não vedes que, ao passo que a vegetação vos encanta com os seus milagres, vos confunde com os seus mysterios?

LISBOA 27 DE MARÇO

(CORRESPONDENCIA PARTICULAR.)

Chegamos a uma epocha de democracia pura. As instituições seculares não se respeitam, porque, no entender dos nossos políticos modernos, são um obstáculo á marcha incessante da civilização.

A legislação vincular foi proscripta em nome da egualdade e da justiça, por ser contraria ao desenvolvimento da industria agricola, e condemnada como um anachronismo já sob o aspecto politico, já sob o ponto de vista economico.

Não me farei cargo de defender o que talvez amanhã já não exista, mas desejava que estas luctas incruentas do passado com o presente se fizesse a transição lentamente, respeitando-se mais os direitos adquiridos.

O estreito espaço d'uma correspondencia não dá margem a uma larga dissertação sobre a proposta de lei, que acaba de ser approvada na camara dos deputados, mas de passagem observarei, que a extrema divisibilidade da terra, resultado natural da desvinculação, tem sido n'este ultimo quarto de seculo ponto de controversia entre os mais distinctos economistas.

Na França actualmente já se procura remediar os males provenientes da divisibilidade, e se a solução d'este problema for contraria ás opiniões modernamente emitidas, não fará retrogradar a sociedade, mas reedificará, ainda que com algumas modificações, o que foi destruido pelo camartello revolucionario de 1793.

Na Inglaterra a propriedade territorial existe muito agglomerada, e nem porisso os campos deixam de ser arroteados, nem os capitães cessam de convergir para a industria agricola.

Diga-se tambem com verdade, que alli os governos succedem-se uns aos outros dentro da esphera constitucional, e os partidos militantes sacrificam as suas convicções no altar patrio, quando percebem a necessidade de operar uma grande reforma, que pode fazer a prosperidade do seu paiz, e engrandecer a nação tanto na ordem politica interna, como nas suas relações com as potencias estrangeiras.

Infelizmente não imitamos estes exemplos, e repetidas vezes acontece, que ao interesse geral da nação se pospõe ou o capricho do ministro, ou o interesse do corrilho.

Estamos na actualidade governados por homens, que hestearam no poder a bandeira da immoralidade e da corrupção, e que especulam com a bolsa do povo para auferirem grandes proventos, commettendo os maiores escandalos para conservarem a gestão dos negocios publicos.

A corrupção tem começado nas altas regiões do poder, e bem depressa descerá até ás ultimas camadas da sociedade.

Os raptos parlamentares succedem-se uns apoz outros, e, a este respeito, na sessão de hontem o sr. deputado Pinto d'Araujo interpellou o ministro da fazenda sobre a apozentação do thesoureiro pagador de Fâro, afim de despachar um deputado da opposição que o governo tinha comprado, e concluiu o seu discurso mandando para a mesa uma moção, para que este deploravel negocio fosse enviado á commissão de infracções, e, depois de ella dar o seu parecer, se deliberar sobre a conducta do ministro historico.

O Lobo d'Avila vociferou contra o deputado, que o censurara, e concluiu a sua defeza ridicula, declarando que não estava habilitado para responder á nota de interpellação, e os amoucos ministeries, julgando illibada a conducta do ministro *arouca*, rejeitaram a proposta do sr. deputado por Alijó!

Se ligarmos estes factos que diariamente se repetem com a questão *Charles et George*, com a farinha Brito, com o *trapiche*, com a arrematação dos bens d'Arouca, e sobre tudo com o ruinoso emprestimo de Londres, que necessariamente traz 675 contos annuaes de encargo para o thesouro, teremos classificado

a situação politica do sr. de Loulé, como a mais immoral e a mais escandalosa; e a posteridade deverá amaldiçoar os homens, que pelos seus desvarios têm aniquilado todas as nossas liberdades, e desconceituado o systema constitucional que foi regado com o sangue de tantos portuguezes.

Na camara electiva entrou em discussão o projecto n.º 31, que augmenta 85 contos de réis sobre a contribuição predial, sendo estes distribuidos d'um modo iniquo e absurdo.

Fallou em primeiro logar o Lobo d'Avila, fazendo questão ministerial do imposto, e deixando discussão aberta sobre a sua repartição pelos districtos.

Foi já uma retirada, não por vontade propria, mas para evitar um cheque, e no meio do seu delirio não lhe esqueceu ameaçar a maioria da camara com a dissolução, se acaso lhe negasse os 85:689\$000 réis.

Posta a questão n'estes termos, coube a palavra ao distincto orador o sr. Casal Ribeiro, que n'um brilhante discurso combateu o augmento do imposto por serem falsas as bases em que assentava, e condemnou a percentagem de 10 por cento por ser contraria ao decreto de 31 de Dezembro de 1852, que estabeleceu o systema de repartição, e concluiu propondo o adiamento do projecto até que o governo apresente o resultado das novas matrizes, feitas em conformidade com a legislação em vigor.

Nos circulos politicos corre que o ministerio soffrerá mais uma derrota n'esta questão, do que resultará ou a sua queda ou a dissolução.

Parece que o sr. de Loulé não está resolvido a entrar outra vez em S. Bento em *nova companhia* porque receia muito da *Maria Bernarda*.

A revolução na actualidade poderá atrazar-nos muito nos melhoramentos moraes e materiaes, que temos alcançado em 12 annos de paz interna, mas livrando-nos do ministerio historico poupar-nos-hia grandes desgraças, e evitaria crises, que ninguem prevê.

Nunca aconselharei os meios illegaes para se derrobar um governo tão nefasto e corrupto; mas a revolução está no poder, e a reacção, consequencia natural d'este estado de cousas, será a *ultima ratio* d'um povo opprimido.

Apparecerá a anarchia e do seio d'ella sahirá a ordem, e o triumpho dos verdadeiros principios liberaes será o *desideratum*, a que aspiram os homens desinteressados e amantes do seu paiz.

## SECÇÃO NOTICIOSA.

**Chegada.** — Chegou a esta cidade e acha-se hospedado em casa de seu ex.<sup>mo</sup> sobrinho o sr. Conde de Villa Pouca, o ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Teixeira de Souza Alcoforado, da casa do Poço, de Lamego.

S. ex.<sup>a</sup> tem sido visitado pelas principaes pessoas da terra.

**Necrologio.** — Falleceu terça feira pelas 2 horas da tarde a ex.<sup>ma</sup> D. Maria de Belém Monteiro, esposa do nosso amigo e acreditado negociante d'esta cidade o sr. Antonio do Espirito Santo.

Depois d'um prolongado e doloroso padecimento, volveu á terra, de que tinha sido formado, aquelle corpo, cujas mãos tanta lagrima enchugaram, e cujos pés tantos passos de caridade deram.

Sentimos com a illustre familia da finada o golpe, que a divina providencia houve por bem descarregar sobre ella, mas temos, e a familia deve ter commosco, a doce consolação de acreditar, que aquella alma generosa e boa repousa no seio da bemaventurança, no goso da paz e felicidade promettida aos justos.

**Chegada.** — Acha-se entre nós, hospedado em casa de seu pae, o nosso patricio e amigo o ill.<sup>mo</sup> sr. João

Cezar Pinto Guimarães, proprietario e redactor do «Purgatorio».

Consta-nos que s. s.<sup>a</sup> veio á terra natal aspirar ares, que lhe minorem o encommo que padece.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

**Santo Antonio.** — Subiu terça feira á scena este drama sacro. Por falta de espaço não podêmos dar detalhada noticia d'esta representação; sô diremos que agradou muito, e que foi muito applaudida.

**Grande Semana.** — Nesta cidade fizeram-se as solemnidades da Semana Santa com a pompa e magestade do costume.

Na quinta feira maior, houve solemnissima exposição do Santissimo Sacramento em quasi todas as egrejas e capellas da cidade, sendo innuntera a quantidade de fleis que transitavam pelas ruas fazendo piedosa visita ás casas do Senhor.

Na Collegiada cantaram-se de tarde as matinas a musica, composição do sr. Conego Gouvêa.

Na sexta feira fez-se na mesma Collegiada a magestosa e triste cerimonia do enterro, officiado o sr. conego Gouvêa. Houve depois procissão pelos claustros, e no fim sermão pelo sr. padre Sampaio.

No sabbado officiou nas diversas ceremonias, proprias do dia, o sr. conego Carvalho, as quaes foram tambem feitas com a solemne magestade com que é d'uso celebrar-se o culto n'esta real egreja.

**Retrato da Virgem.** — Ha na sacristia da Insigne e Real Collegiada d'esta cidade uma preciosa lamina com o retrato da Santissima Virgem, copia do original de S. Lucas.

Este precioso quadro foi trazido de Roma por D. Paio Domingues, 4.<sup>o</sup> D. Prior d'esta Collegiada, em tempo de El-Rei D. Diniz, e por elle collocado na dita sacristia no anno de 1296.

Este retrato é, como dissemos, copia authentica do original de S. Lucas, que se guarda na egreja de Santa Maria Maior em Roma.

Domingo foi esta lamina, segundo o costume dos mais annos, trazida em procissão da sacristia para a egreja, onde está debaixo d'um doce, fóra das grades da capella mór, do lado do Evangelho.

Damos esta noticia, para que alguém, que não tenha conhecimento d'esta preciosidade, a possa ir ver agora.

## ANNUNCIOS.

HA 500\$000 rs. para dar a juro; quem os pertender falle com Domingos de Freitas Guimarães, rua das Mullianas n.º 20. (35)

 **JOÃO** Baptista Pereira, e Antonio José Moreira e Silva Guimarães, d'esta cidade, fazem publico que no dia 31 de Março se dissolveu a sociedade, que girava debaixo da firma de PEREIRA e MOREIRA, com estabelecimento de ferragens na praça do Toural, retirando-se o 2.<sup>o</sup> socio Antonio José Moreira e Silva Guimarães e ficando o activo e passivo do mesmo estabelecimento a cargo do 1.<sup>o</sup> socio João Baptista Pereira. (37)

**QUEM** quizer comprar uma morada de casas, na rua de D. João 4.<sup>o</sup> com o n.º 25, foreira a D. Anna Emilia Coelho, dirija-se ao padre Rodrigo Lobo de Sousa Machado, na freguezia de S. Miguel de Creixomil. (37.)

**O** Thesoureiro das esmollas para o Monumento do alto do monte do Sameiro declara a todos os snrs. que receberam cartas da commissão que tem de dar e fechar as suas contas até ao dia 20 do corrente. (39)

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1\$200 rs. — com estampilla 1\$450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.